

Plotino e Proclo: em torno da mística

Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra¹⁶
M.e Tadeu Júnior de Lima Nascimento¹⁷

Palavras-chave: Mística, Neoplatonismo, Plotino, Proclo, Helenismo.

Resumo: Falar de mística implica em um discurso que, como bem observa Michel de Certeau, está “exilado” daquilo que trata (Certeau, 2006, p. 11), isto é, se caracteriza como uma aproximação que, enquanto tal, é sempre marcada pelo limite da linguagem utilizada para descrever tais experiências. Nesse sentido, é necessário, antes de qualquer estudo, definir o campo semântico em que a palavra “mística” está sendo empregada. Essa observação é importante porque tratar de mística em autores como Plotino e Proclo é sempre correr o risco do reducionismo que unifica contextos e compreensões do papel filosófico implícito nas descrições, pessoais ou biográficas, de certas experiências místicas vivenciadas por filósofos como os aqui tratado.

Há, no âmbito das discussões acerca da filosofia de Plotino (204 ou 205 – 270 d.C.) um tema constante, embora gerador de interpretações por vezes em muito discordantes: aquilo que se pode denominar “mística plotiniana”. Obviamente, a discordância não versa sobre a experiência “em si”, ou seja, não é questão relevante se tal filósofo tivera ou não êxtases que podem ser classificados como místicos, mesmo porque o próprio autor relata em suas obras¹⁸ uma experiência do tipo, sendo corroborado posteriormente por seu discípulo Porfírio, organizador das *Enéadas* e autor de uma biografia de Plotino. A discordância nasce então da aplicação do termo “mística” à doutrina plotiniana, pois tal termo adquiriu significados diferentes ao longo da história, principalmente se o compararmos entre a tradição grega antiga e a judaico-cristã.

Giovanni Reale (2014a, p.169), por exemplo, nos oferece uma definição de mística em seu *Léxico da Filosofia Grega e Romana*:

O termo (mística) deriva de *mystikós*, que significa o que está em conexão com os mistérios. Só na antiguidade tardia, porém, aparece a expressão *mystiké parádoxis*, para indicar a *doutrina mística, que mostra ao homem como destacar-se do sensível e alcançar o Absoluto*, até assimilar se e unificar-se com Ele.

¹⁶ Doutor em Filosofia pela Universidad de Salamanca/Espanha, Professor do Departamento de Filosofia e dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências da Religião (UFS). Pesquisador Produtividade/CNPq.
¹⁷ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Colíder do grupo de pesquisa "Núcleo de Humanidades" (IFMA/CNPq); Membro do *Principium* - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval.
¹⁸ As *Enéadas*.

A segunda definição apresentada por Reale parece adequar-se facilmente ao ensinamento de Plotino, todavia, nas *Enéadas*, a palavra *mystikós* aparece apenas uma vez, no sexto tratado da terceira *enéada* (III 6 [26] 19-26), e faz referência a interpretação do mito de Hermes, estando vinculada, portanto, mais aos mistérios/mitos do que a uma experiência de êxtase ou deificação. Este é apenas um dos pontos que levantam dúvidas acerca da correta utilização daquele termo no contexto em questão. Uma das mais proeminentes vozes discordantes, sem dúvida, é Luc Brisson. No artigo *Pode-se falar de união mística em Plotino?* (2007, p.466), apesar de reconhecer semelhanças entre a experiência unitiva da alma com o uno (descrita por Plotino) e outras experiências classificadas como místicas, Brisson defende uma originalidade de ambas, o que diferenciaria aquelas profundamente.

Mesmo reconhecendo a relevância da discussão, optamos neste minicurso em focar — na parte que concerne à Plotino — no percurso que pode levar à experiência unitiva descrita por este filósofo. Para Plotino, através da processão (*próodos*) todas as coisas surgem a partir do primeiro princípio (o Uno). Temos, no entanto, na tecitura da tríade de hipóstases Uno/Intelecto/Alma, outro “movimento” que é o retorno/conversão (*epistrophé*), que tanto tem um caráter cosmológico (de autodefinição das hipóstases Intelecto e Alma, por exemplo), como de itinerário do nosso verdadeiro eu, da nossa alma se dirigindo, em última instância, ao Uno. Desta forma, após uma breve exposição do sistema plotiniano, descreveremos o que seria o caminho de ascensão da alma até o Uno, os “exercícios espirituais”¹⁹ a serem praticados por quem tem a experiência de assemelhação/assimilação com o divino como meta, dando ênfase à vida virtuosa e a simbiose entre a metafísica e ética presentes no pensamento plotiniano.

No que se refere a Proclo (412/485 d.C), o cenário muda um pouco de tonalidade, graças aos aspectos religiosos, teúrgicos e mistagógicos que figuram, de modo sincrético, com a filosofia de Platão, no entanto, o problemático que envolve a natureza do que se chama comumente de experiência mística no autor permanece como um desafio. O *diádoco*, sucessor de Platão na academia de Atenas, não relata ter tido, pessoalmente, nenhuma experiência que possa ser classificada como mística, nos termos de uma união direta da alma com Deus, porém, além dos elementos presentes em suas obras que sustentam a existência de uma experiência inefável com o princípio originário de todo o real (o Uno), o seu discípulo e biógrafo Marino de Neapólis (440/495 d.C) o descreve como um homem santo e possuidor de uma personalidade que emanava luz e sabedoria mística.

¹⁹ Conceito chave na obra de Pierre Hadot, principalmente na tese da filosofia como maneira de viver.

O fato é que Proclo trata a filosofia de Platão em conexão com a longa tradição de teólogos (em sentido grego da palavra) que remontaria a Homero e, nesse aspecto, filosofia e mistérios, embora distintos em suas formas e finalidades, convergem em uma unidade que tem, na união da alma com a sua origem, seu fim mais próprio. Filosofar é deificar-se, tornar divina a parte divina que está lançada no ser humano. Mas onde estaria o aspecto místico nesse modo de compreender a tradição grega em conexão com os ritos iniciáticos? A mistagogia (iniciação pelos mistérios) eleusiana pode ser pensada como expressão mística? Esses são alguns questionamentos que buscaremos, ao longo do mini-curso, expor e problematizar, à luz da filosofia neoplatônica, em particular, de Plotino e Proclo.

Como marco referencial teórico, além das obras originais de Plotino *Enéadas* e de Proclo *Teologia Platônica*, utilizaremos a fortuna crítica de comentadores, em especial os trabalhos de Luc Brisson (2007), E. Bréhier (1953), L. Gerson (1996), W. Beierwaltes (1989, 1990, 1992) e M. Abbate (2001, 2008) visando, assim, estabelecer uma análise hermenêutica dos textos originais em diálogo com os textos críticos.

REFERÊNCIAS

ABBATE . M. **Introdução e notas**. In: **Proclo. Commento alla Repubblica** (Dissertazioni I, III-V, VII-XII, XIV-XV, XVII), texto grego a frente, Milano: Bompiani, 2004.

_____. **Il divino tra unità e molteplicità: saggio sulla Teologia Platonica de Proclo**. Edizione dell'Orso. 2008.

_____. **Il “linguaggio dell’inefabile” nella concezione procliana dell’Uno-in-sé**. *Elenchos*, XXII, 2001, p. 305-27

BARACAT JÚNIOR, José Carlos. **Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino Introdução, tradução e notas**. 2006. 700f. Tese (Doutorado em lingüística) — Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006

BRANDÃO, Bernardo Guadalupe. **“Só em direção ao só: considerações sobre a mística de Plotino”**. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, dez. 2007

BRÉHIER, E. **La filosofia de Plotino**. Trad. Lucía P. Prebisch. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1953.

BRISSON, L. **Pode-se falar de união mística em Plotino?** *Kriterion*, Belo Horizonte, v.48, n. 116, p. 453-466, jul./dez. 2007

BEIERWALTES, W. **Pensar l’Uno, Studi sulla filosofia neoplatónica e sulla storia dei suoi influssi**. Trad. Maria Luisa Gatti. Milano: Vita e Pensiero, 1992.

_____. **Identità e differenza**. Trad. Salvatore Siani. Milano: Vita e Pensiero, 1989.

_____. **Proclo I fundamenti dela sua metafisica**. Trad. Nicoletta Scotti. Milano: Vita e Pensiero, 1990.

BEZERRA, C.C. **Comprender Plotino e Proclo**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

CALVO, J. M. Zamora. **A amizade do sábio em Plotino**. Journal of Ancient Philosophy, Vol. II. 2008.

GERSON, Lloyd P. **The Cambridge Companion to Plotinus**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 6ª ed. 2014.

_____. **Ejercicios espirituales y filosofia antigua**. Trad. Javier Palacio. Madrid: Ed. Siruela, 2006.

_____. **Plotino ou a simplicidade do olhar**. Trad. Loraine Oliveira, Flavio Fontenelle Loque. São Paulo: É Realizações, 2019.

IGAL, J. **Plotino, Enéadas, em 3 volumes** (vol. I: Vida de Plotino, En. I-II; vol. II: En. III-IV; vol. III: En. V-VI), Madrid: Editorial Gredos, 1982 (Biblioteca Clássica Gredos, 57).

NOGUEIRA, Maria Simone marinho. *Plotino e Mestre Eckhart: uma mística da unidade*. **Ágora filosófica**. Fundação Antonio dos santos- FASA. Recife. Volume 2. Nº 1/2. p. 103-115. 2003.

OLIVEIRA, Loraine. *Considerações sobre o uso adequado do termo “mística” na filosofia de Plotino*. **Perspectiva filosófica**: UFPE/UFPB. Recife, v. I, n. 35, p. 55-71, janeiro/ junho 2011.

O'MEARA, Dominic J. **Plotinus: an introduction to the Enneads**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

REALE, Giovanni. História da Filosofia Grega e Romana (Vol. IX): **Léxico da Filosofia Grega e Romana**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2014a.

_____. **Plotino e o Neoplatonismo**. História da Filosofia Grega e Romana, vol. VIII. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2014b, 3ª ed., 210 p.

REEGEN, Jan ter. *A Ética em Plotino*. AQUINO, J. E. F.; FRAGOSO, E. A. R.; SOARES, M. C. (org.). **Ética e metafísica**. Fortaleza: Ed.UECE, 2007, 210 p. Coleção Argentum Nostrum. ISBN: 978-85-87203-97-7. Disponível em: http://www.uece.br/cmef/index.php/arquivos/doc_download/117-1-etica-em-plotino.

TOSCANO, María; ANCOCHEA, Germán. **Místicos Neoplatónicos – Neoplatónicos Místicos: de Plotino a Ruysbroeck**. Madrid: Etnos, 1998.

TROUILLARD, J. L **Un et l'Âme selon Proclus**. Paris: Les Belles Lettres, 1972

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Plotino: um estudo das *Enéadas***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008a.